



fazendo **AMANHÃ**

Manifesto Político para um Jornal Revolucionário

Estamõs lançando um jornal. O objetivo deste manifesto é delinear, ainda que em seus traços mais gerais, a concepção e a visão política desse jornal que em breve você terá em mãos.

Na defesa deste ideal, **Fazendo O AMANHÃ** terá nas contribuições dos clássicos do marxismo uma referência permanente e um estímulo sempre renovado ao debate. Nosso jornal terá a preocupação de propiciar aos ativistas do movimento operário e popular as principais noções de Marx, Engels e Lênin sintetizadas em matérias e artigos específicos que coloquem a propaganda revolucionária na conjuntura da luta de classes. Ao contrário do que fazem alguns jornais alternativos, não faremos a propaganda do movimento de massas para os socialistas, mas a propaganda do socialismo para o movimento de massas.

Explicitando o Socialismo que queremos. **Fazendo O AMANHÃ** não deixará de

*Em torno de seu objetivo maior que é a luta pela Revolução e pelo Socialismo, a partir de sua posição política de combate ao governo da transição burguesa e procurando realizar efetivamente um novo jornal marcado por uma nova concepção editorial, **Fazendo O AMANHÃ** espera poder contar com a sua colaboração para o sucesso desta iniciativa.*

Que ela contribua de fato para a luta revolucionária em nosso país.

São Paulo, Março 85
Comissão Editorial

denunciar o arremedo burocrático vigente na URSS e nos países do leste europeu como sociedades cujas contradições e impasses as conduzem para cada vez mais longe do socialismo.

Nosso jornal sendo internacionalista, recusará a idéia de um "modelo" socialista acabado, suposto "farol" a iluminar o caminho dos povos no mundo inteiro. Singular ilusão a caracterizar as seitas.

Da mesma forma, nos repugna a idéia de um "socialismo" como aquele proposto pelas correntes sociais-democratas, onde o que se vê, na verdade, é o mesmo capitalismo de sempre domesticado idealmente pela utopia do "controle e democratização" do capital.

A "NOVA REPÚBLICA" DAS VELHAS RAPOSAS



A burguesia saúda sua nova forma de governo: adjetivos se acotovelam nas páginas dos jornais tradicionais. Elogios são derramados desde as grandes redes de televisão. Programas especiais são montados, imagens selecionadas, frases de efeito separadas.

De fato, o governo do senhor Tancredo de Almeida Neves surge com sólido apoio das empresas e dos monopólios que operam com a informação, refletindo-se — também aí — a quase unanimidade burguesa que lhe dá sustentação.

A "Nova República", apelido do novo modelo político que os capitalistas começam a montar, surge, assim, amparada na "opinião pública"; via de regra a "opinião" daqueles que formam seus conceitos e preconceitos seguindo a Rede Globo.

A conciliação, movimento político das classes dominantes no Brasil, superou o regime militar de uma forma conservadora, mantendo o aparato policial-militar da ditadura implantada em 64 e garantindo a impunidade dos responsáveis pelos crimes de corrupção, terrorismo, tortura e assassinatos políticos. Ao mesmo tempo, assegurou as bases programáticas de um governo comprometido com o FMI, os grandes banqueiros internacionais e os monopólios capitalistas brasileiros e estrangeiros, no qual será mantida a essência da política econômica de arrocho sobre os trabalhadores e onde nenhuma das reivindicações fundamentais dos operários, outros assalariados e camponeses obterá resposta. A tudo isto deu-se o nome de "transição", acreditando-se, por certo, que palavras novas possam encobrir velhos interesses.

Todo este quadro político compõe um momento particularmente grave para os dominados. Por cima, pelo alto, os dominadores de sempre confraternizam e disputam cargos... "patrioticamente", é claro. Por baixo, os trabalhadores esbarram em algumas das principais limitações políticas de seus movimentos reivindicatórios não conseguindo, de maneira geral, ultrapassar a fronteira do sindicalismo. A disposição de luta permanece, mas os rumos a seguir tornam-se cada vez mais difíceis de serem percebidos e construídos. Como se não bastasse, a burguesia tem obtido êxitos conjunturais na tentativa de isolar os revolucionários, hoje em desvantagem frente ao reformismo tradicional e sua política cínica.

Impõe-se aos operários conscientes, aos estudantes combativos, aos intelectuais progressistas, aos ativistas do movimento sindical e a todos aqueles interessados em uma alternativa revolucionária, a tarefa inadiável de construção de uma unidade política contraposta ao governo burguês e conservador de Tancredo Neves.

Impõe-se a necessidade de se romper com o isolamento e fragmentação das mobilizações populares, buscando a aglutinação dos movimentos dispersos a partir de um programa unitário de lutas;

Impõe-se arrebatada a iniciativa política para as mãos dos oprimidos e avançar nas lutas operárias e populares em níveis superiores de combatividade e consciência.

Mais do que antes, sente-se a falta de um jornal capaz de contribuir no cumprimento destas tarefas, auxiliando o movimento, debatendo sobre os seus rumos e impulsionando-o no sentido da revolução e do socialismo.

Fazendo O AMANHÃ vem com a pretensão de preencher este espaço no interior do movimento operário e popular. Uma pretensão que não nasce de certezas embrutecidas como aquelas que acompanham os eternos auto-proclamados "representantes da classe operária", mas que funda-se unicamente na disposição de enfrentar este desafio enorme representado pela iniciativa de viabilizar um jornal revolucionário nas condições concretas do atual período histórico.

UM JORNAL, UM DESAFIO

O sucesso de nosso jornal não está — é claro — garantido de antemão. Acreditamos, porém, que **Fazendo O AMANHÃ** vem para cumprir um papel muito importante. Mais do que um jornal que reflita uma posição política, **Fazendo O AMANHÃ** pretende oferecer aos seus leitores a garantia de um jornalismo orientado pelo princípio de que nenhuma mentira interessa à classe operária.

Para nós, a afirmação de que "toda a verdade é sempre revolucionária" constitui um patrimônio teórico e um compromisso a ser resgatado em cada matéria ou reportagem. Não se trata, obviamente, de se inclinar pela discursão liberal sempre pronta a defender uma impossível imparcialidade ou neutralidade jornalísticas enquanto afirma solenemente os princípios da "livre iniciativa" e os valores chamados "ocidentais e cristãos".

Ao contrário, reconhecemos que numa sociedade dividida em classes, a verdade é sempre "parcial" no exato sentido de que associa-se aos interesses históricos de uma parcela — a grande maioria dos trabalhadores — contra os interesses de uma minoria formada pelos exploradores capitalistas. Por isso, a busca da verdade exige, antes de tudo, uma opção: **ao lado de quem estamos?**

Fazendo O AMANHÃ espera somar-se ao cotidiano dos que lutam. Ao seu lado, queremos realizar o sonho da justiça e da liberdade; contribuir para fazer um novo amanhã, aglutinando neste percurso os melhores filhos deste povo: operários e camponeses, os explorados e oprimidos.

Todos os que, durante esta longa noite, aprenderam a manter "os olhos enxutos e a intenção de madruguar".



Ao abordar a realidade da questão agrária no Brasil estaremos ao lado dos camponeses, dos posseiros e dos assalariados rurais contra os interesses do latifúndio e dos monopólios. Ao mesmo tempo, denunciaremos a ação dos grileiros e dos jagunços. Exigiremos a Reforma Agrária Radical. Sempre que o jornal for cobrir uma greve operária na grande São Paulo, por exemplo, estará ao lado dos trabalhadores recolhendo os ensinamentos que suas lutas vão escrevendo no dia a dia das fábricas e levando aos ativistas do movimento operário denúncias políticas e análises aprofundadas sobre questões do seu interesse. Nas análises políticas da conjuntura internacional, estaremos defendendo a causa dos povos que lutam pela sua libertação, avaliando e divulgando, por exemplo, os rumos da luta dos povos nicaraguense e palestino; a resistência dos trabalhadores no Chile, a guerrilha em El Salvador, as greves dos operários na Polônia etc. Ao mesmo tempo, estaremos denunciando com especial ênfase o militarismo de Ronald Reagan e a política imperialista norte-americana, vanguarda da covardia internacional, sempre pronta a lançar sentenças de morte sobre aqueles que, infinitamente menos poderosos, se revelam imensamente mais humanos.

Do ponto de vista cultural, **Fazendo O AMANHÃ**, realizará a crítica da cultura de massa resultado alienado e alienante de uma produção orientada para o lucro; paralelamente, o jornal buscará acompanhar as principais realizações artísticas e culturais, estruturadas fora do panfletário, no sentido da libertação do homem e da sua afirmação enquanto sujeito de uma história que lhe reparte a vida ao mesmo tempo em que lhe oferece a possibilidade de realizá-la conscientemente.

Procurando refletir em suas páginas as inquietações de todos segmentos cujas angústias desnudam as iniquidades do capital, **Fazendo O AMANHÃ** dará especial atenção à luta das mulheres pela sua emancipação. O feminismo revolucionário, movimento radical de negação do patriarcalismo e de toda uma sociedade marcada pela hipocrisia e opressão nas relações entre os sexos, terá em nosso jornal um instrumento a mais na busca de homens e mulheres renovados pela transparência de seus desejos e pela humanidade de seus sentimentos.

Por outro lado, entendemos como imprescindível que o jornal se alinhe à causa do movimento ecológico bem como à luta

SOCIALISMO: OBJETIVO MAIOR

Fazendo O AMANHÃ defenderá a necessidade da instalação em nosso país de um governo dirigido pela classe operária que represente efetivamente os interesses imediatos e históricos de todos os explorados. Este governo, comprometido com medidas urgentes de melhoria das condi-

pelo desarmamento nuclear. Denunciar o que uma industrialização fundada unicamente nos critérios da produtividade tem causado de dano à natureza e ao homem, assim como somar-se à luta de todos aqueles que já perceberam a gravidade da ameaça nuclear, são compromissos que assumimos.

O tratamento destes e de muitos outros temas, exigirá sempre matérias que renequem o simplismo daqueles que suspiram aliviados ao imaginar a vida tão simples quanto uma fórmula e tão monótona quanto um chavão. Também as abordagens realizadas pelo jornal evitarão os vícios de uma linguagem acadêmica e mesmo a repetição de conceitos tornados comuns nas análises de esquerda no Brasil, tantas vezes impróprios e enfadantes.

Em tudo isto, importa sepultar definitivamente a tradição de manipulação e sectarismo que acompanhou e acompanha em vários momentos a chamada "imprensa operária". Queremos recolher da experiência de outros jornais o que ficou de melhor na memória dos ativistas que acompanharam a trajetória de dificuldades a que sempre esteve associada a proposta dos jornais alternativos.



ções de vida dos trabalhadores, com a estatização e o controle operário dos monopólios, com o rompimento dos acordos com o FMI e o não pagamento da dívida externa, com a reforma agrária radical e com a mais ampla liberdade para o povo, entre outras bandeiras, deverá dar início às transformações socialistas no Brasil.